

CLUSTER: Health Tech

CURSO: Psicologia

TECNOLOGIAS E REDES SOCIAIS COMO INSTRUMENTOS QUE VIABILIZAM A A MEDIAÇÃO DO SOFRIMENTO NO TRABALHO DE MOTORISTAS DE APLICATIVOS

Jefferson João dos Santos¹; Stéfani Loize Schmitt Silveira²; Vanessa Rissi³

1 Mestrando de Psicologia. IMED. jeffe.j.s@unochapeco.edu.br

2 Acadêmica de Psicologia. IMED. steschmitt.ss@gmail.com

3 Doutora em Psicologia. IMED. vanessa.rissi@imed.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A uberização é um processo de transformação da organização e produção do trabalho, promovendo relações crescentemente individualizadas por meio das plataformas digitais, eliminando as proteções e garantias do trabalho, conquistados por lutas e resistências da classe. Neste contexto, fatores como a intermitência, a informalidade e a flexibilidade estão sendo aplicados cada vez mais nas práticas de trabalho das empresas globais de plataformas digitais (ANTUNES, 2020).

Apesar do nome, essa nova morfologia do trabalho não iniciou com a empresa Uber e nem se restringe somente a ela. No entanto, foi por meio do seu sucesso que se tornou conhecida globalmente a informalização do trabalho e a consolidação do trabalho sob demanda, trabalhadores just-in-time, com empresas-aplicativos (ABÍLIO, 2020). A uberização concretiza a mutação do trabalhador em empreendedor permanentemente disponível ao trabalho, retirando-lhes direitos mínimos simultaneamente que detém a subordinação (ABÍLIO, 2017).

Percebe-se que é uma tendência emergente essa nova organização do trabalho (POCHMANN, 2016). Diversas classes de trabalhadores uberizados encontraram na economia digital e flexibilização do trabalho um campo para vender sua força de trabalho, conectados aos consumidores por empresas digitais com subordinação irreconhecíveis, não localizadas e com pouca regulação. De um lado, pode-se oferecer oportunidades de trabalho e flexibilização de dias, horários e locais de trabalho (STÉFANO, 2016). De outro, estão construindo uma nova relação entre capital-trabalho de modo a pavimentar o caminho da mercantilização, flexibilização e precarização severa do trabalhador (ANTUNES, 2020).

Para investigar esta nova e crescente modalidade de trabalho foi utilizada a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida por Dejours a partir dos anos 90. Nessa teoria, estuda-se o custo humano do trabalho, as vivências de prazer e sofrimentos, os danos físicos e psicológicos relacionados ao trabalho e as estratégias de mediação do sofrimento utilizadas. O seguinte resumo tem como objetivo aprofundar a discussão das estratégias de mediação do sofrimento utilizadas por motoristas de aplicativos de resultados encontrados de um estudo maior vinculado ao Grupo de Pesquisa em Saúde e Adoecimento no Trabalho do PPG da IMED.



2 MÉTODO

Tratou-se de um estudo exploratório e descritivo, pois teve como principal finalidade desenvolver e esclarecer conceitos/ideias do problema de pesquisa, visto que o tema abordado é emergente de pouca exploração (FLICK, 2009). Utilizando-se dos pressupostos metodológicos da Análise Documental (GIL, 2008), a amostra foi composta por postagens e comentários em uma rede social partir da percepção dos indivíduos expressada através de suas opiniões, conhecimentos e experiências diárias.

Foram selecionadas todas as postagens realizadas no intervalo de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020 em determinado grupo do Facebook destinado aos motoristas por aplicativos. Este material coletado resultou em 282 laudas, 159.764 palavras oriundas da livre comunicação entre eles.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme relatado pelos motoristas por aplicativos, uma característica presente nas condições de trabalho é a exposição constante à violência. Isto implica em desgaste psicológico causado pelo contínuo estado de tensão emocional: “[...] O medo nunca abandona a gente cara! Eu trabalho com medo todos os dias”. O medo originado pela degradação do organismo psíquico do trabalhador está ligado diretamente às más condições de trabalho que estão submetidos (SOUSA; SANTOS, 2017).

Percebeu-se ainda, uma tendência à banalização deste sentimento. Os motoristas por aplicativos se conformam com a ideia de que não há o que se fazer para modificar as condições que originam o medo, como demonstrado a seguir: “[...] O segredo é ir para rua. Segue os conselhos dos amigos que estão na plataforma há mais tempo que não tem erro. Estou há 6 meses tenho medo a cada corrida, isso não muda”.

Para lidar com este sentimento de medo, identificado como vivência de sofrimento (causado pela insegurança e violência), o trabalhador cria mecanismos protetivos ao aparelho psíquico. Alguns motoristas por aplicativos negam os riscos de assaltos e homicídios causados pela exposição, que são potencializadas pelo modelo de trabalho adotado nas plataformas digitais “[...] não importa se você é Uber ou não, a violência está para todos. Fui assaltado uma vez como Uber e duas antes de conhecer os aplicativos”. Perceber a situação da violência presente nos grandes centros urbanos apenas como um problema social é considerado uma estratégia defensiva de negação. Estas estratégias de defesa são recursos psicológicos que objetivam negar e/ou fantasiar a percepção do próprio sofrimento, idealizando acontecimentos, na tentativa de não aceitar conscientemente algum fato que o perturba (MORAES, 2013a).

Porém, as estratégias defensivas são construídas de maneira reativa e embora protejam o psiquismo e possibilitem evitar a descompensação, não estimulam e nem criam alternativas na organização do trabalho que dá origem ao sofrimento. Por favorecerem a adaptação, não possibilitam ou priorizam a ação transformadora, correndo o risco de perder sua efetividade e conduzir à alienação (MORAES, 2013b).

Enquanto que, por um lado, há os que mediam este sofrimento por mecanismos defensivos, outros, moldam estratégias de enfrentamento (táticas e recursos criados pelos próprios trabalhadores para o enfrentamento das imposições do trabalho real) que são compartilhadas na rede social, entre o grupo de motoristas.



Dividindo os problemas diários, os trabalhadores encontram soluções coletivamente, e ao compartilhar a informação implicada no coletivo, estruturam relações fundamentadas na confiança, cooperação, espaço público de fala (MENDES, 2007).

O apoio e cuidado entre os trabalhadores é encontrado por meio das redes de trabalho em comunidades, utilizando recursos tecnológicos disponíveis no próprio celular, como mecanismos de geolocalização em tempo real e aplicativos de rápida comunicação: “[...] Minha sugestão é trabalhar em grupos e quando for a lugares ou passageiros suspeitos colocar a localização do *whats*, e combinar com o grupo quando ter ‘localização aberta’ todos os motoristas ficam cuidando o colega” é possível encontrar a articulação pela vontade das pessoas trabalharem unidas, superando coletivamente contradições da organização do trabalho (LIMA, 2013).

A criação de grupos nas redes sociais, pode ser considerada como um importante sinal de resistência do coletivo de trabalhadores, porque é um ambiente de compartilhamento de inteligência e experiências, encontrando soluções conjuntas dos problemas advindos das vivências no trabalho. Este espaço de discussão é um local genuíno que resgata os vínculos afetivos, a solidariedade e a cooperação, podendo avançar em destino à mobilização coletiva e construção de saúde mental no trabalho (MERLO; BOTTEGA; MAGNUS, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A uberização caracteriza-se pela individualização dos trabalhadores, sujeitos “autônomos” e independentes, esvaziando o sentimento de pertencimento de classe e coletivo de trabalhadores. Este resumo apresentou discussão das estratégias de mediação do sofrimento utilizadas por motoristas de aplicativos analisando a comunicação comunitária em uma rede social.

Utilizando o celular, que também é sua ferramenta de trabalho, os sujeitos trocam experiências e compartilham vivências mecanismos essenciais de resistência e enfrentamento das situações causadas pela organização do trabalho e atividade solitária. A tecnologia e seus recursos, possibilitam a criação de um ambiente capaz de restaurar elo afetivo e solidariedade, dispositivos fundamentais para manutenção e promoção da saúde e bem-estar do trabalhador através da cooperação.

Agradecimentos

À professora Vanessa Rissi que nos permite pensar criticamente sobre a Psicologia Organizacional e do Trabalho.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, R. Trabalho intermitente e Uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0 In R. Antunes (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. 1 ed. Boitempo: São Paulo, 2020.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- ABÍLIO, L. C. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019. DOI: 10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3- fulltext-1674
- ABÍLIO, L. C. Uberização: a informalização e o trabalhador just-in-time. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00314
- Stefano, Valerio de. The rise of the "just-in-time workforce": on-demand work, crowdwork and labour protection in the "gig-economy". **International Labour Office, Inclusive Labour Markets, Labour Relations and Working Conditions Branch**. Conditions of work and employment series, Geneva, n. 71, 2016. Disponível em:
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas AS, 2008.
- LIMA, S. C. C. **Coletivo de Trabalho**. In FO Vieira (Org.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013.
- MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. *Psicodinâmica do Trabalho: Teoria, método e pesquisas* (pp. 16-30). Casa do Psicólogo, 2007.
- Merlo, A. C.; Bottega, C. G.; Magnus, C. N. **Espaço público de discussão**. In: Vieira, FO (Org.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá. 2013.
- MORAES, R. D. Estratégias defensivas. In F. O. Vieira (Org.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013a.
- MORAES, R. D. Estratégias de enfrentamento do sofrimento e conquista do prazer no trabalho In: A. R. C. Merlo (Orgs.) *O sujeito no trabalho entre a saúde e a patologia*. Curitiba: Juruá, 2013b.
- POCHMANN, M. A uberização leva à intensificação do trabalho e da competição entre os trabalhadores. Entrevista a André Antunes. EPSJV/Fiocruz, 2016. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-uberizacao-leva-a-intensificacao-dotrabalho-e-dacompeticao-entre-os>.
- SOUSA, J. C. de; SANTOS, A. C. B dos. Psicodinâmica do trabalho nas fases do capitalismo: análise comparativa do taylorismo-fordismo e do Toyotismo nos contextos do capitalismo burocrático e do capitalismo flexível. **Revista Ciências Administrativas**, v. 23, n. 1, p. 186-216, 2017.

